APRESENTAÇÃO ONLINE - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

A CRISE DA PROTENÇÃO E O SENTIMENTO DO ABSURDO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA TEMPORALIDADE NA CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

Clara Canola Neris Bomnome (canolaclarinha@gmail.com)

José Manoel Bertolote (bertolote@gmail.com)

O presente trabalho investiga as configurações do sofrimento psíquico contemporâneo sob a ótica da psicopatologia fenomenológica, especificamente no que concerne à desestruturação da temporalidade vivida. O objetivo é analisar como certas experiências de esvaziamento existencial revelam uma alteração na estrutura da consciência temporal, para além das categorizações nosológicas tradicionais. Fundamenta-se na análise fenomenológica da consciência interna do tempo, conforme descrita por Husserl, que compreende a percepção como um fluxo composto pela tríade "retenção-apresentação-protenção". Enquanto a retenção mantém o passado imediato e a apresentação apreende o "agora", a protenção constitui a abertura pré-reflexiva ao porvir e a antecipação de horizontes de sentido. Articula-se essa falha na dinâmica temporal ao que Albert Camus descreve como o sentimento do absurdo: o divórcio entre o homem e sua própria vida. Clinicamente, observa-se que,

quando a capacidade de protenção empobrece, o fluxo da intencionalidade estagna, resultando em um presente hipertrofiado onde o mundo perde sua familiaridade e o futuro torna-se uma barreira opaca. Esse fenômeno é relatado como uma sensação de "tempo parado" ou de um amanhã destituído de promessa. Ressalta-se que tal condição configura uma perturbação da temporalidade, distinta de déficits puramente volitivos, na qual a paralisia da agência decorre de uma descontinuidade na experiência do ser-no-mundo. A metodologia pauta-se em uma análise fenomenológico-hermenêutica, operando a articulação entre a fenomenologia transcendental e a aplicação da fenomenologia existencial à clínica. Discute-se a necessidade de uma prática terapêutica que acolha essa desestruturação, visando a reabilitação da intencionalidade e a retomada da capacidade do sujeito de projetar-se. Conclui-se que o reconhecimento da fragilidade da estrutura temporal é fundamental para a compreensão da dignidade do sofrimento e para a construção de estratégias de cuidado que permitam a rearticulação de sentidos frente ao horizonte do absurdo.

Palavras-chave: psicopatologia; protenção; absurdo; temporalidade; clínica.